

ISSN 1807-0590

Cadernos Teologia Pública

Eucaristia e Ecologia

Denis Edwards

ano VII - número 52 - 2010

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS




UNISINOS
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Eucaristia e Ecologia

Denis Edwards

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos Teologia Pública

Ano VII – Nº 52 – 2010

ISSN 1807-0590

Responsável técnica

Cleusa Maria Andreatta

Revisão

Isaque Gomes Correa

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

MS Ana Maria Formoso – Unisinos

Prof. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Prof. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Prof. Dra. Maria Clara Bingemer – PUC-Rio – Doutora em Teologia

Prof. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Prof. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.

Eucaristia e Ecologia

Denis Edwards

De que maneira temas ecológicos, como a mudança climática, por exemplo, afetam nossas celebrações da Eucaristia? De que modo o culto eucarístico está relacionado com ações ecológicas e com as formas de viver? O que quer dizer viver uma vocação ecológica ante o Deus de Jesus Cristo? Qual é a relação entre a prática ecológica e a espiritualidade cristã? Na presente publicação tratarei de responder a estas perguntas, primeiro acolhendo algumas sugestões para uma teologia ecológica da Eucaristia e, a partir daí, algumas sugestões sobre a espiritualidade e sua prática.

1. Para uma Teologia ecológica da Eucaristia

A proposta que aqui apresentamos é que, quando os cristãos se reúnem para a Eucaristia, levam à mesa a Terra e todas as suas criaturas e, de alguma forma, todo o

universo. Explorarei esta proposta ao longo de cinco etapas: a Eucaristia considerada (1) como a ascensão ou elevação de toda a criação; (2) como memória viva simultânea da criação e da redenção; (3) como sacramento do Cristo cósmico; (4) como participação de todas as criaturas de Deus na Comunhão da Trindade, como antecipação da participação de todas as criaturas de Deus na vida da Trindade e (5) como solidariedade às vítimas da mudança climática e de outras crises ecológicas.

1.1. A elevação de toda a Criação

John Zizioulas, um destacado teólogo e bispo do Patriarcado Ecumênico da Igreja ortodoxa, explicou sua teologia ecológica numa série de colocações feitas no Kings College em Londres¹. Ele afirma que a crise ecológica não se enfrenta somente a partir de temas baseados

¹ ZIZIoulas, John. *Preserving God's Creation: Three Lectures on Ecology and Theology* [Preservando a criação de Deus: três palestras sobre Ecologia e Teologia]. *King's Theological Review* [Revista Teológica do Kings College] 12, p. 01-05, p. 41-45 e 13, 1989, p. 01-05, 1990.

na razão. É claro que estes temas têm sua importância, no entanto se necessitam muito mais. Zizioulas insiste em que, se nós esperamos mudar de prioridades e de estilos de vida, necessitaremos de uma *cultura* distinta, bem como de *valores e atitudes* distintos. Como teólogo cristão, Zizioulas está convencido que o imprescindível são os valores *litúrgicos*. Enquanto a conversão ecológica pode inspirar-se em muitas fontes, como as do cristianismo, creio que Zizioulas tem razão em reconhecer na comunidade cristã a possuidora dos fundamentos necessários para enraizar os valores ecológicos em sua espiritualidade eucarística.

Do mesmo modo como muitos teólogos ortodoxos, ele vê os humanos como se fossem chamados por Deus para ser “sacerdotes da criação”. Distingue este papel sacerdotal das ideias expiatórias do sacerdócio que ele relaciona com a teologia romana católica medieval. Ele considera cada pessoa batizada como chamada a ser, de maneira igual a Cristo, um ser plenamente *pessoal*. Isso implica em serem relacionais em lugar de fechados em si mesmos, capazes de sair de si próprios para abrir-se aos demais naquilo que ele chama *ek-stasis*.

As pessoas são sempre estáticas no sentido de que adquirem a essência de pessoa somente em comunhão com os demais. Os seres humanos são indivíduos relacionais. Sua

vocação é a de relacionar-se com Deus, com os demais e com as outras criaturas de Deus de forma muito pessoal.

Segundo Zizioulas, a humanidade e o restante da criação adquirem plenitude na vida de Deus mediante cada indivíduo.

Quando as pessoas vão à Eucaristia, elas levam à mesa eucarística os frutos da criação e, de alguma maneira, a criação inteira. Na Eucaristia, a criação *ascende* a Deus sob forma de oferenda e de ação de graças. Nos países do Leste, a oração eucarística principal é conhecida como *anáfora*, uma palavra que significa elevação. Os dons da criação se apresentam a Deus e se invoca o Espírito para que transforme esses dons, – como também a assembleia reunida –, no Corpo de Jesus Cristo. O exercício deste sacerdócio não está limitado às pessoas ordenadas, senão que é o papel dado por Deus a todos os fiéis. Não está limitado às celebrações litúrgicas, mas deveria cobrir a vida inteira. Deve envolver todas as inter-relações humanas com o restante da criação. A “elevação” da criação deveria ser vivida no planeta inteiro de forma contínua e por cada ser humano. Basicamente, esta tarefa sacerdotal não é nada mais e nada menos do que um amor autêntico pelas demais criaturas e por cada uma em sua essência, num profundo sentimento humano por elas e sua celebração em Deus. Nossa postura com o resto da criação, nosso

compromisso pessoal como seres inteiramente relacionais, é uma dimensão fundamental em nossas vidas perante Deus e a salvação em Jesus Cristo.

A crise ecológica requer os mais altos recursos da coletividade humana. De acordo com Zizioulas, creio que na Eucaristia os cristãos possuam um importante fundamento para uma cultura e para valores autenticamente ecológicos². A prática cristã da Eucaristia, quando é compreendida e vivida em toda a sua profundidade, é capaz de sustentar uma conversão contínua a uma posição pessoal e terna ante o resto da criação. Não proporciona respostas às perguntas concretas que nos colocam e, no entanto, oferece uma motivação e certos valores autenticamente ecológicos³.

1.2 A memória viva da Criação e também da Redenção

O conceito de *anamnesis* é fundamental para a teologia eucarística. Esta palavra grega pode ser traduzida por memorial ou simplesmente memória; porém penso

que a tradução melhor seria a de memória viva. Em cada Eucaristia recordamos os acontecimentos de nossa salvação em Cristo, de tal maneira que se tornem presentes em nós de forma poderosa, aqui e agora, e de modo que antecipem a transformação de todas as coisas em Cristo. Esta forma de memória não somente remete ao passado, senão que atua com força no presente e abre para o futuro de Deus. Na Eucaristia a comunidade cristã se concentra de forma espontânea na morte libertadora e na Ressurreição de Cristo, mas, sem embargo, o que amiúde se olvida é que cada Eucaristia é um memorial de ação de graças a Deus por seu labor de criação e por sua redenção.

Há tempo que Luis Bouyer fez notar que as primeiras orações eucarísticas cristãs tiveram suas origens e seus modelos nas formas de rezar dos judeus, usadas nas sinagogas e principalmente nas casas, sobretudo durante a ceia da Páscoa⁴. Essas orações começam com a bênção dos dons da criação. Baseiam-se na memória do labor de Deus e na ação de graças pelo mesmo, que envolve toda a criação, como também a salvação. Tanto as orações

² Sobre isso ver: FOX, Patricia *A God in Communion: John Zizioulas, Elizabeth Johnson, and the Retrieval of the Symbol of God* [Deus em comunhão: John Zizioulas, Elizabeth Johnson e a redescoberta do símbolo de Deus]. Collegeville, Minnesota: Liturgical Press, p. 70, 2001.

³ Zizioulas afirma: “Tudo isto implica certos valores de que o mundo necessita terrivelmente em nossos tempos. Não se trata de ética, senão de ethos. Não é um plano, senão uma atitude e uma mentalidade. Não é uma lei, senão uma cultura”. Ver: “Preserving God’s Creation” [Preservando a criação de Deus]. *King’s Theological Review*, 13, p. 05, 1990.

⁴ BOUYER, Louis. *Life and Liturgy* [Vida e Liturgia]. Londres: Sheed and Ward, 15-28, 1960.

dos judeus como as primeiras orações eucarísticas cristãs implicam uma *anamnesis* da criação e da redenção⁵. Zizioulas faz notar o mesmo, insistindo em que todas as antigas liturgias eucarísticas começavam com a ação de graças pela criação e dali seguiam com a ação de graças pela redenção em Cristo, e todas elas centravam-se na elevação dos dons da criação ao Criador⁶. Isto é de fundamental importância numa época em que a ação humana está modificando radicalmente o clima, com efeitos desastrosos para os seres humanos e as outras criaturas da Terra. Quando vamos à Eucaristia, levamos conosco as criaturas da Terra. Recordamos Deus que ama cada uma delas. Entristecemos-nos pelos danos que lhes ocasionamos. Sentimos com elas. Podemos começar a apreender os valores e atitudes dos quais fala Zizioulas, valores que produzem uma forma distinta de atuar.

Esta antiga liturgia continua presente nos textos litúrgicos atuais. Em cada Eucaristia começamos levando à mesa a criação, expressa no pão e no vinho, “fruto da Terra e do trabalho do homem”⁷. Nossas orações eucarísticas cotidianas põem de manifesto a substancial rela-

ção interior da ação de Deus na criação e na redenção: “Ele é a Palavra mediante a qual fizeste o universo, o Salvador que enviaste para resgatar-nos” (*Segunda Oração Eucarística*). Elas nos fazem entender claramente que, quando vamos à Eucaristia, levamos conosco a criação e louvamos Deus em nome de todas as criaturas da Terra: “louvam-te todas as criaturas” (*Terceira Oração Eucarística*); “Em nome de todas as criaturas que estão debaixo do céu nós também te louvamos” (*Quarta Oração Eucarística*).

Em cada Eucaristia recordamos os acontecimentos da vida, da morte e da ressurreição de Cristo e experimentamos sua força para levar cura e salvação. Recordamos também todo o Bem criado por Deus, os 14 milhões de anos de história do Universo, os 4700 milhões de anos da história da Terra e da aparição da vida sobre a Terra, em toda a sua diversidade e beleza. Recordamos a vulnerável condição da comunidade da vida na Terra nos dias de hoje e a levamos até Deus. O mistério de Cristo celebrado em cada Eucaristia nossa abrange tudo isto.

⁵ Idem, p. 132.

⁶ ZIZIOULAS, John. “Preservando la Creación de Dios”. *King’s Theological College*, 12, p. 04, 1989.

⁷ Para ser breve, limitarei meus exemplos aos textos litúrgicos correntes do Catolicismo Romano. Mais exemplos podem ser encontrados nos textos litúrgicos e nos hinos das outras comunidades cristãs.

Na grande doxologia na final da oração eucarística, nós elevamos a criação inteira, mediante, com e em Cristo, “na unidade do Espírito Santo”, ao eterno louvor e glória de Deus⁸.

1.3 O Sacramento do Cristo cósmico

O Cristo que encontramos na Eucaristia é o ressuscitado, no qual todas as coisas foram criadas e no qual somos todos reconciliados (Cl 1,15-20). A eterna sabedoria de Deus e seu plano para a plenitude dos tempos é “reunir todas as coisas, as do céu e as da terra, sob um só chefe, que é Cristo (Ef 1,10). Inclusive, quando, na Eucaristia, o centro do memorial está na morte e ressurreição de Cristo, esta memória não nos distancia da criação, ao contrário, envolve-nos nela diretamente. Põe-nos em relação com a Terra e com todas as criaturas.

Quando recordamos a morte de Cristo, recordamos uma criatura de nosso universo, a qual forma parte da interconectada história da evolução de nosso planeta e que oferece livremente sua vida inteira e sua existência pessoal no mistério de um Deus que ama. Quando recor-

damos a ressurreição, recordamos uma parte de nosso universo e uma parte da história de nossa evolução elevada para Deus mediante o Espírito. Isso é o começo da transformação de toda a criação em Cristo. Como diz Rahner, esta ressurreição de Jesus não é somente a *promessa*, senão também o *princípio* da glorificação e divinização da realidade inteira⁹.

A Eucaristia é o símbolo e o sacramento do Cristo ressuscitado que é o princípio da transfiguração de todas as criaturas em Deus. Comendo e bebendo em sua mesa, participamos do Cristo ressuscitado (1 Co 10,16-17). O pão e o vinho são o sacramento do Cristo que trabalha na criação. Para a fé cristã, o que é simbólico se faz presente de maneira maravilhosa. E o que se fez presente em Cristo na força da ressurreição, o é não somente como a promessa, senão também como o princípio da transfiguração de todas as coisas. Cada Eucaristia é, ao mesmo tempo, sinal e fermento do trabalho de transformação do Cristo ressuscitado em toda a criação.

Creio que este tipo de teologia sacramental representa o contexto que permite interpretar hoje a oração de

⁸ Vejam-se as observações de Yves Congar sobre a doxologia em seu *I Believe in the Holy Spirit* [Eu creio no Santo Espírito], volume II. New York: Editorial Seabury, p. 224, 1983.

⁹ RAHNER, Karl. “Preguntas Dogmáticas sobre Pascua”, *Investigaciones Teológicas IV*. New York: Editorial Seabury, p. 129.

Teilhard de Chardin em sua *Mass on the World* [Missa no mundo]:

Tudo o que hoje, no mundo, verá aumentar seu valor e tudo o que o verá diminuir – inclusive tudo o que morrerá –, tudo isso, Senhor, trato de reunir entre meus braços para to entregar como oferenda. Esta é a substância de meu sacrifício; a única que Tu desejas.¹⁰

Para qualquer coisa que é viva e que vai nascer, crescer, florescer, amadurecer durante este dia, repete as palavras: “Este é meu Corpo”. E, para qualquer força mortal que está a ponto de corroer, murchar, matar, pronuncia novamente tuas autoritárias palavras que expressam o mistério supremo da fé: Este é meu Sangue¹¹.

Conforme a oração de Teilhard se desenvolve, ele vê o poder de Deus realizar-se em Cristo e o vê presente na Eucaristia transformando a Terra desde seu interior. Como a Palavra se fez carne, nenhuma parte do universo físico permanece não afetada. A matéria inteira é o lugar de Deus. Tudo está divinizado. Tudo está transformado em Cristo: “Mediante tua própria encarnação, Deus meu,

a partir de agora toda a matéria é encarnada”¹². Por isso, a Terra, o sistema solar e o universo inteiro se convertem no lugar para o encontro com o Cristo ressuscitado: “Agora, Senhor, mediante a consagração do mundo, a luminosidade e o perfume que invadem o universo assumem para mim corpo e feições – em ti.”

A Eucaristia é uma oração eficaz para a transformação do universo em Cristo. Ela indica e antecipa a divinização do universo em Cristo. Ele, a quem encontramos como sacramento na Eucaristia, é ele em quem todas as coisas foram criadas e em quem tudo será transfigurado. A ação humana, que é uma expressão de amor e de respeito para as criaturas vivas, bem como a atmosfera, os mares e a terra de nosso planeta podem se considerar não somente como algo que está em continuidade com o labor do Cristo eucarístico, senão também, de certa maneira, como parte dele. Contribuir intencionalmente com a destruição das espécies, ou aumentar cada vez mais o nível de dióxido de carbono na atmosfera, não pode não ser visto como uma negação de Cristo. Pois é

¹⁰ CHARDIN, Teilhard de “La Comunidad en el Mundo”, in *Himno del Universo*. Londres: Collins, 1965, 20. Sobre este tema ver: KING, Thomas M. *La Comunidad de Teilhard: Enfoques sobre “La Comunidad en el Mundo.”* New York, Paulist, 2005. Ver também: GREY, Mary. *Comunión Cósmica: Una reflexión contemporánea sobre la Visión Eucarística de Teilhard de Chardin*. Ecoteología 10, p. 165-180, 2005.

¹¹ CHARDIN, Teilhard de. *The Mass on the World*, p. 23.

¹² Idem, p. 24.

uma negação do significado de tudo o que celebramos quando nos reunimos para a Eucaristia.

1.4 Participar, com todas as criaturas de Deus, da Comunhão da Trindade

Cada Eucaristia é um acontecimento escatológico, ou seja, é um acontecimento do Espírito que antecipa o futuro, quando todas as coisas se unirão na Comunhão divina. A Eucaristia é profundamente trinitária. Nossa comunhão eucarística, nossa comunhão uns com os outros em Cristo, é sempre um compartilhar e um provar a divina comunhão da Trindade, na qual todas as coisas serão transfiguradas e encontrarão seu eterno significado e sua verdadeira casa. Esta comunhão trinitária que nós compartilhamos é a origem de toda a vida na Terra: é o que torna capaz uma comunidade viva de aparecer e evoluir: e, em formas que vão além de nossa imaginação e compreensão, é o que fará alcançarem a plenitude todas as criaturas de nosso planeta e todas as maravilhas de nosso universo. Quando participamos da Eucaristia, provamos,

com antecipação, a plenitude de todas as coisas elevadas à vida eterna da Trindade.

Isto quer dizer, segundo disse Tony Kelly, que o “momento mais intenso de nossa comunhão com Deus é, ao mesmo tempo, um intenso momento de nossa comunhão com a Terra”¹³.

Através de nossa elevação a Deus, ficamos envolvidos no amor de Deus para as criaturas de nossa comunidade planetária. Isso começa a determinar nossa imaginação ecológica: “A comunhão e conexão em Cristo”. Nessa imaginação eucarística podem tomar forma uma especial visão ecológica e um compromisso¹⁴.

Com esse tipo de imaginação que trabalha em nós podemos ver as outras criaturas da Terra como nossos familiares, como profundamente enlaçados conosco numa só comunidade de vida terrestre diante de Deus. Podemos começar a ver de forma crítica – vendo mais claramente o que está ocorrendo com a Terra. Somos levados a participar dos sentimentos de Deus para as formas de vida do nosso planeta. Uma autêntica imaginação eucarística conduz a determinados valores, a uma cultura e a uma ação ecológica.

¹³ KELLY, Tony. *The Bread of God: Nurturing a Eucharistic Imagination* [O pão de Deus: nutrindo uma imaginação eucarística]. Melbourne: Harper Collins, p. 92, 2001.

¹⁴ KELLY, T. *The Bread of God*, p. 100-101.

1.5 *Solidariedade com as vítimas*

A Eucaristia sempre supõe a recordação da cruz. O teólogo Johannes Metz fala disso como de uma memória “perigosa”¹⁵. A cruz de Jesus é um desafio que se cumpre em todo tipo de complacência ante o sofrimento dos demais. Leva os que sofrem ao verdadeiro centro da fé cristã. Ela questiona justificações interesseiras e ideológicas das misérias dos pobres e das vítimas das guerras da opressão e dos desastres naturais. A ressurreição oferece uma visão dinâmica da esperança para os que sofrem no mundo, e, sem embargo, não entorpece sua recordação. Eles estão sempre presentes, para sempre representados nas chagas do Cristo ressuscitado.

Esta memória crítica e perigosa oferece uma nova forma de ver e de atuar. Conduz à solidariedade, a estilos de vida alternativos e a uma ação pessoal e política. O Conselho Ecumênico das Igrejas, em suas reflexões sobre a solidariedade com as vítimas da mudança climática, as-

senalava às numerosas comunidades de pessoas, sobretudo no hemisfério sul, que são muito vulneráveis face às alterações atmosféricas: “Apesar de sua contribuição per capita às causas da mudança climática ser insignificante, elas padecerão as consequências num grau muito mais alto”¹⁶.

A alteração climática, junto a outros aspectos de nossa crise ecológica, piora as injustiças sociais e econômicas entre ricos e pobres em nossa comunidade global. Contribuir para destruir vidas, casas, meios de existência e comunidades “não somente é um pecado contra os débeis e os desamparados, senão também contra a Terra – dom divino da vida”¹⁷.

A Eucaristia, memória viva de todos os que sofrem, chama a comunidade cristã para uma nova solidariedade, tanto com as vítimas humanas, como com os animais e as plantas que são destruídos ou ameaçados. A solidariedade implica um compromisso social e político nas duas estratégias que se identificaram como respostas

¹⁵ METZ, Johannes Baptist. *Faith in History and Society: Towards a Practical Fundamental Theology* [Fé na história e na sociedade: para uma teologia fundamental prática]. Londres: Burns y Oates, 1980, p. 109.

¹⁶ *Solidarity with Victims of Climate Change: Reflections on the World Council of Churches’ Response to Climate Change* [Solidariedade com as vítimas da mudança climática: reflexões a partir da resposta do Conselho Mundial de Igrejas para as mudanças climáticas]. Genebra: Conselho Ecumênico das Igrejas, p. 10, 2002.

¹⁷ *Ibidem*, p. 10.

à mudança climática: a *atenuação de efeitos* e a *adaptação*. Adaptação significará reorganizar a sociedade, planejar pressupostos à espera de desastres ecológicos, formar o pessoal e consignar recursos. Em particular isso também implicará, por questão de justiça, a hospitalidade aos refugiados ecológicos.

Quando nós, os cristãos australianos, nos reunimos para as celebrações eucarísticas, fazemo-lo em solidariedade com os cristãos que se reúnem para a Eucaristia em Kiribas, em Tuvalu e em Bangladesh. Reunimo-nos em solidariedade com os que compartilham outras formas de fé religiosa no Pacífico, no sudeste da Ásia, na África e em todas as regiões de nossa comunidade global. Recordamos também os que já se deslocaram de suas moradias e de seu patrimônio. Não podemos não participar da dor da ameaça que muitos milhões de pessoas sofrem. Estamos desafiados a não olvidar a contribuição da Austrália ao efeito-estufa, de nossa riqueza criada com o carvão, de nosso uso dos veículos a motor. Rezamos em solidariedade junto à comunidade global, a fim de que a Eucaristia que nos leva à paz e à comunhão com Deus possa “fazer avançar a paz e a salvação do mundo inteiro” (Terceira Oração Eucarística). Seguimos

comprometendo-nos no seguimento de Cristo, em viver valores, um estilo de vida, uma política e uma ação ecológica, como pessoas da esperança pascal.

Peter Scott disse que, na Eucaristia, “a comunidade eucarística é ligada pela sociabilidade à mais ampla sociedade ecológica, a qual interpreta e clarifica”. Ele descreve a Eucaristia como um acontecimento da hospitalidade divina e indica que esta hospitalidade “não tem restrições eclesiais e abrange todo o humano”¹⁸. Este autor vê a Eucaristia como um poderoso recurso político que o Cristianismo oferece na era ecológica. Em cada Eucaristia nos reunimos num mesmo lugar com todas as nossas limitações e tudo que normalmente temos. Tomamos os frutos da Terra e o trabalho das mãos do homem. Encontramos Jesus com todo o seu amor curador e libertador que sai de sua vida e de sua morte e conhecemos, uma vez mais, sua presença de ressuscitado que transforma todas as coisas a partir do interior. Sob o poder do Espírito, a assembleia se faz uma só coisa em Cristo, em comunhão com Deus que não tem fronteiras e que, ao contrário, consegue amar todas as criaturas de Deus. Cada Eucaristia nos chama à conversão e à ação ecológica.

¹⁸ SCOTT, Peter. *A Political Theology of Nature* [Uma teologia política da natureza]. Cambridge: Cambridge University Press, p.246, 2003.

2. Conversão e ação ecológica

2.1. Espiritualidade e Prática

A conversão é fundamental na vida cristã. Nunca é algo totalmente feito e concluído. Sempre nos aparece como um convite e uma graça oferecida para as sempre novas circunstâncias que se apresentam. Segundo afirma Brennan Hill: “a espiritualidade cristã é uma viagem sobre a terra que chama constantemente à conversão e ao amadurecimento”¹⁹. Este livro argumenta amplamente que o seguimento de Jesus no século 21 incluirá uma conversão ecológica contínua.

O alcance e a intensidade da crise ecológica nos desafiam de forma radical. Nenhuma outra geração teve que defrontar-se com a alteração climática global produzida pelos homens e com a consciência de que sua ação ou omissão determinarão o futuro da vida no planeta. Ademais, como Sean McDonagh indica, nenhuma outra geração teve que aceitar a responsabilidade da sobrevivência da biodiversidade no planeta:

O nosso papel consiste simplesmente em tomar medidas de forma decisiva para evitar a extinção das espécies que pode esterilizar o planeta. Se esta geração não atua, nenhuma geração futura poderá anular os danos que esta geração ocasionou ao planeta. É um momento extraordinário e formidável, no qual o comportamento de uma só geração de humanos pode ter efeitos bem profundos e irreversíveis, não somente sobre a história humana, como também sobre a vida do planeta²⁰.

A conversão ecológica à qual somos chamados implica uma nova maneira de ver, pensar e atuar. Independentemente do próprio sistema de valores de qualquer pessoa – seja esse sistema o judaísmo, o islã, o budismo, o cristianismo ou as tradições religiosas autóctones australianas, ou alguma forma de humanismo –, o estado do planeta representa um desafio a uma conversão profunda, tanto da mente como também do coração, da forma de viver e de governar. Imagino que qualquer uma das grandes tradições religiosas tenha seus próprios recursos para levar a cabo este labor contínuo de conversão, e creio que se exige uma resposta por parte de todas as nossas tradições e uma colaboração entre todas elas.

¹⁹ HILL, Brennan L. *Christian Faith and Environmnet: Making Vital Connections* [Fé cristã e meio ambiente: realizando conexões vitais]. Maryknoll, New York: Orbis, p. 267, 1998.

²⁰ McDONAGH, Sean. *The Death of Life: The Horror of Extinction* [A morte da vida: o horror da extinção]. Dublin, The Columbia Press, p. 151, 2004.

Espero que este livro possa funcionar como um esboço parcial de como este labor de conversão ecológica possa achar inspiração a partir do interior da tradição da fé cristã, como parte desta conversão mais ampla.

2.2 O caminho para a Sabedoria

Os que consideram sua vida como seguimento de Jesus Cristo, veem a Ele não só como quem viveu na Galileia há dois mil anos, proclamando a compaixão de Deus e a chegada do Reino de Deus por suas palavras e feitos, senão também como a Sabedoria de Deus, a Palavra eterna que se fez carne, o crucificado e ressuscitado que é o princípio da transformação da criação eterna. Estou afirmando que ser seguidores de Jesus significa seguir o caminho para a sabedoria e que isto implica respeito e amor por todas as criaturas de Deus. Não tentarei apresentar uma ética ecológica a partir da perspectiva da Sabedoria, algo colocado por Célia Deane-Drummond

em várias de suas obras²¹, senão simplesmente um perfil, um enfoque teológico da prática ecológica.

Paulo não somente vê Jesus crucificado como a verdadeira sabedoria de Deus (1 Cor 1,24), senão também vê os seres humanos como partícipes da verdadeira sabedoria, porque em Cristo eles descobrem a revelação da oculta intenção da criação (1 Cor 2,7-10). Nós os humanos podemos possuir a sabedoria, porém esta advém como um dom, o dom do Espírito que “tudo sonda, até as profundidades de Deus” (1 Cor 2,10). Na Carta aos Efésios lemos que: “em toda sua sabedoria e inteligência, dando-nos a conhecer o mistério de sua vontade, segundo o benévolo desígnio que em Cristo se propôs de antemão, para realizá-lo na plenitude dos tempos: fazer que tudo tenham a Cristo por cabeça, o que está nos céus e o que está na terra” (Ef 1, 8-10). A sabedoria é “o mistério escondido desde tempos em Deus criador do universo” (Ef 3, 9-10). Nós participamos desta sabedoria divina mediante uma iluminação dos “olhos do coração” que nos faz capazes de conhecer a esperança à qual temos

²¹ DEANE-DRUMMOND, Celia E. *Creation through Wisdom: Theology and the New Biology* [Criação através da sabedoria: teologia e a nova biologia]. Edinburgo, T&T Clark, 2000; *The Ethics of Nature* [A ética da natureza.] Oxford, Blackwell, 2004. Se por um lado reconheço que a sabedoria pode referir-se a um atributo divino possuído pelas três pessoas da Trindade, minha aproximação se enfoca sobre a sabedoria como forma de falar da eterna hipóstase que se faz carne em Jesus de Nazaré. Cf.: EDWARDS, Denis. *Jesus the Wisdom of God: An Ecological Theology* [Jesus, a sabedoria de Deus: uma teologia ecológica]. Marynoll, New York: Orbis, 1995.

sido chamados (Ef 1,18). A base desta esperança é o Cristo ressuscitado que trabalha no universo bem além dos poderes cósmicos (Ef 1, 22-23)²².

O caminho da sabedoria implica a iluminação e a ação. Trata-se de uma iluminação que produz frutos na ação. A iluminação brota de nossa esperança de que tudo será tomado e transfigurado no Cristo ressuscitado. É uma visão e uma avaliação de todas as coisas com respeito a Cristo e uma ação fiel a essa luz. Seguir Jesus-Sabedoria é ver cada pardal como submisso e amado por Deus. Quer dizer também ver cada pardal e cada árvore grande e alta como seres criados na Sabedoria de Deus que se fez carne em Jesus de Nazaré. Viver na sabedoria, no pleno sentido cristão, quer dizer considerar a criação inteira como procedente da abundância dinâmica da Trindade, como se se desenvolvesse dentro do dinamismo da vida da Árvore, destinada a encontrar sua plenitude nesta vida compartilhada.

Boaventura nos conta que cada criatura é “nada menos que uma espécie de representação da sabedoria de Deus”²³. Ele vê cada criatura como uma obra de arte produzida pelo artista divino e que reflete este artista: “Cada criatura é por sua natureza imagem e semelhança da eterna sabedoria”²⁴. A prática humana da verdadeira sabedoria exige, portanto, ver cada criatura em sua relação com suas origens e com seu destino eterno. Esta forma especial de ver as criaturas específicas em Deus é o que Boaventura chama “contuition”. É importante notar que não se trata de uma forma de evitar a especificidade e a peculiaridade da própria criatura, senão de uma forma de compreender cada uma em sua singularidade e em sua única relação com o Deus vivo.

O caminho da sabedoria se pode entender como o caminho de quem conhece amando – “conhecimento através do amor”²⁵. É o fruto do Espírito de amor que opera em nós. Atuar com sabedoria não é somente atuar de acordo com todo tipo de evidência empírica disponí-

²² Em Colossenses nos é dito que todos os tesouros da *sabedoria de Deus se encontram ocultos em Cristo* (Cl 2,3). A verdadeira sabedoria deve ser preenchida pelo conhecimento da promessa de Deus para conduzir assim uma vida digna do Cristo ressuscitado, dando frutos em toda boa obra (Cl 1, 9-10).

²³ Boaventura. *Hexaemeron*, p. 12.

²⁴ *Ibidem*, 2,12.

²⁵ Cf.: AQUINO, Tomas de. *Summa theologiae* 1,43.5 ad 2.

vel, senão também atuar ao mesmo tempo em harmonia com o dom do Espírito que se infunde tanto pela criação como pelo amor em nós. O conhecimento através do amor é a forma como conhecemos um amigo muito querido. Não é um amor que exige manter agarrado ou controlar o outro, mas é, antes, um amor que reconhece esse outro como mistério contínuo, inclusive na intimidade de uma amizade profunda. Este tipo de conhecimento através do amor é a base fundamental para uma conduta ecológica. Trata-se de tomar posição ante a realidade que põe em tela de juízo as afirmações absolutas feitas pela economia do livre mercado, por um lado, e por certas formas de ciência e de tecnologia, por outro. É evidente que há momentos em que necessitamos lugar para compreender o que nos ameaça, sejam matemáticas, biologia, economia, política ou teologia. Sem embargo, o conhecimento que busca e exige compreensão e controle pode ser perigoso. Ante a realidade, é preciso situar-se na posição de quem reconhece os limites do que pretendemos conhecer e aceita o mistério do outro com humildade.

Há sabedoria nas palavras de Jesus, quando ele fala da importância de um olho são: “A lâmpada do corpo é o olho. Se teu olho está são, todo o teu corpo será lumi-

noso; mas, se teu olho está enfermo, todo o teu corpo estará na escuridão” (MT 6,22). Um olho são, que vê as coisas de modo justo, é essencial para o caminho da sabedoria. Sallie McFague confronta o “olho arrogante” com o “olho cheio de amor”. O olho arrogante é característico de uma típica atitude ocidental para o mundo natural, que o trata como objeto e o manipula, utiliza e explora. O olho cheio de amor não se dá espontaneamente em nós. É necessário treinamento e disciplina para ver as coisas com estes olhos cheios de amor. McFague faz notar que o olho cheio de amor requer objetividade para ver as diferenças, as peculiaridades e a unicidade do outro. Muito amiúde imaginamos saber quem ou que é o outro, em lugar de nos molestarmos em descobri-lo. McFague escreve:

Este é o olho treinado segundo a objetividade, para que sua visão seja objetiva, baseada na realidade do outro e não sobre seus próprios desejos ou fantasias. Este é o olho atado ao outro tal e como um aprendiz ao trabalhador capaz que escuta o outro como faz um estrangeiro num país novo. Este é o olho que se fixa no outro de modo que as conexões entre quem conhece e o que é conhecido se criam iguais a um vínculo de amizade, num sujeito real em seu mundo real²⁶.

²⁶ McFAGUE, Sallie. *Super, Natural Christians: How we should love nature* [supercrentes, crentes naturais: como deveríamos amar a natureza]. Minneapolis: Editorial Fortress, p. 116, 1997.

O que se requer é que aprendamos a amar os demais, humanos e não humanos, com um amor que implica ao mesmo tempo distância e intimidade. Faz falta, portanto, cultivar um olho de amor que respeite as diferenças. Este é o caminho para a sabedoria, uma forma de ver cada criatura em sua relação com Deus, como uma manifestação da Sabedoria divina, como o que Deus abraçou na encarnação, destinado a participar na redenção de todas as coisas em Cristo.

2.3 A ação no Espírito

O caminho para a sabedoria implica a ação – a combinação de compromisso ativo e de reflexão contínua, que representam o centro de toda a teologia da libertação. A conversão à Terra, à solidariedade com as criaturas que formam nossa comunidade planetária, deve implicar a ação. Não se trata somente de uma radical reorientação do pensamento, nem simplesmente do descobrimento de uma nova capacidade de sentir a criação não humana, senão de ambas as coisas ao mesmo tempo e que se traduzem numa ação pessoal, política e eclesial.

Seguir Jesus significa deixar-se conduzir pelo Espírito, tal como ele o foi em cada etapa de sua viagem. Isto implica um discernimento verdadeiramente pessoal, porém nunca individualista. O Espírito de Deus é sempre Espírito de comunhão, comunhão com todas as nossas irmãs e irmãos humanos e nossa comunhão com a criação inteira. Não é difícil ver o Espírito atuando nos grandes movimentos de nossa época – o movimento ecológico, o movimento que promove a justiça e a paz, sobretudo para os pobres da Terra e o movimento feminista para a plena igualdade entre os sexos. Pese a todos os fracassos e pecados humanos, que desempenham um papel nestes movimentos, eles representam lugares onde o Espírito de Deus poderosamente atua, chamando-nos a desempenhar nosso papel nestes movimentos, que são movimentos de libertação e de esperança.

Ser guiados pelo Espírito em princípios do século XXI quer dizer participar no que Thomas Berry chama *Great Work*, a “Grande Obra”. Esta Grande Obra deve levar a cabo a transição de “um período de devastação da Terra por parte do homem” a um período no qual os humanos “estarão presentes no planeta de forma mutuamente benéfica”²⁷. Produzir esta transição significará es-

²⁷ BERRY, Thomas. *The Great Work: our way into the Future* [A Grande Obra: nosso caminho para o futuro]. New York: Bell Tower, p. 02, 1999.

tender nossa comunidade moral. David Toolan afirma que “nós necessitamos estender nossa preocupação moral, incluindo as plantas, os animais, o ar, a água e a terra”. Faz falta reconhecer que somos uma espécie entre outras, porém devemos, ao mesmo tempo, aceitar a responsabilidade do futuro do planeta: “deixar só a natureza é simplesmente uma opção inviável”²⁸. Pois bem, ética deve significar aceitar a responsabilidade da mudança climática, do estado das atividades pesqueiras e do futuro das selvas pluviais da Terra.

Toolan situa este desafio moral na parte mais profunda do papel do ser humano no universo que nasce e na história da evolução da vida sobre a Terra. É como se o pó das estrelas em nosso DNA, os micróbios que nadam em nossas células, as bactérias que nos deram uma atmosfera respirável, esperassem agora todos eles que os seres humanos concluam a grande sinfonia cósmica. É somente por nós, pelo *Homo sapiens*, que os átomos originados nas estrelas podem chegar a ser conscientes do significado das coisas, de modo que possam começar a decifrar “o mistério escondido desde a fundação

do mundo”²⁹. Toolan afirma que os seres humanos são chamados a dar alma ao universo:

Nós somos a grande essência geradora do espaço da alma, seu coração e suas cordas vocais – e também sua vontade, sempre que lhe permitamos sê-lo, ser espírito, ser a veia do Sagrado, cujo interesse consegue abraçar tudo o que foi criado. Quando fracassamos neste trabalho da alma e não conseguimos estender nossa própria preocupação, a natureza fracassa conosco. Porém, quando isso passa, quando dizemos que sim ao Espírito que se inclina sobre nosso caos interior, as montanhas aplaudem e as colinas saltam como gazelas. Elas e os quarks apostam forte por nós³⁰.

As criaturas humanas são as que podem, com vontade e intenção, dar louvores, as que podem erguer a criação para Deus com amor. Segundo diz Sean McDonagh, um dos profetas da ação ecológica, “nossa única vocação é celebrar a beleza e a fecundidade de toda a vida sobre a Terra”³¹.

A ação ecológica cristã se funda na celebração. Se funda na *Eucaristia*. No entanto, ela se traduz na ação

²⁸ TOOLAN, David. *At home in the cosmos* [Em casa no cosmo]. Maryknoll, Orbis, p. 236, 2001.

²⁹ *Idem*, p. 215.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ McDONAGH, Sean. *The Death of Life* [A morte da vida], p. 150.

pessoal e política. Paul Santmire recupera a tradição dos mártires da teologia ecológica, destacando que ser um mártir quer dizer ser testemunha. Ele vê a Igreja de hoje, guiada pelo Espírito que lhe confere força, como se estivesse desafiada a aproveitar das ocasiões desta época – como os mártires das distintas épocas tiveram que defrontar-se com os problemas de seu tempo. O desafio consiste em permitir ao amor de Deus em Jesus Cristo “verter-se em nossos corações mediante a presença do Espírito Santo que se derrama com abundância, não somente sobre as pessoas, especialmente sobre as que padecem muito, senão também sobre as outras criaturas da natureza.” Necessitamos de uma nova igreja mártir:

Como, portanto, essa igreja mártir amará a natureza nestes tempos ecológicos e cósmicos? Com paixão, persistência e intensidade. Nós, cristãos, seremos a voz para os que não têm voz, para todas as criaturas da natureza que não tem voz nos assuntos humanos. Escutaremos os prantos queixosos das grandes baleias e ouviremos o gemido das selvas pluviais e seremos seus defensores nas praças dos povos e nos palácios do poder, pela graça de Deus. E, ainda mais, escutaremos o amargo pranto das criancinhas que vivem em montanhas de lixo deste mundo e que vestem roupa que tem sido lavado

em arroios transbordantes de monstruosos venenos e que, às vezes, bebem dessas mesmas águas³².

O testemunho da comunidade cristã se realizará nos lugares de trabalho, nos bairros e nos lares, e às vezes nos grupos políticos e ativistas. Supostamente se pode e se deve viver da mesma forma na qual vivemos em nossas vidas cotidianas, em cada ofício e profissão e em cada lar. Muito amiúde, a ação dos indivíduos cristãos será levada a cabo em colaboração com outros muito distantes da vida da Igreja. Sem embargo, segundo o que sugere – a meu ver – Santmire, há também um lugar para a ação eclesial onde a própria Igreja testemunha na arena pública através de suas estruturas de liderança.

Ocorrem-me dois exemplos simples e recentes. Por ocasião da Jornada Mundial do Oceano, aos 8 de junho de 2004, os sete bispos católicos do Estado de Queensland, na Austrália, escreveram uma carta pastoral sobre o tema do Grande Arrecife de Coral ameaçado e condenado. Eles celebraram o recife – com suas trutas coralinas, seus enormes melros, as serpentes marinhas, as grandes tartarugas verdes, as baleias corcundas, as ervas marinhas, as samambaias marinhas, as esponjas e as anêmonas do mar – como um maravilhoso dom de Deus que

³² SANTMIRE, H. Paul. *Nature Reborn: The Ecological and Cosmic Promise of Christian Theology* [Renascimento da natureza: a promessa ecológica e cósmica da teologia cristã]. Minneapolis: Fortress Press, 119-120, 2000.

suscita maravilha, gratidão e louvor. Eles avaliaram os sérios perigos que corre o arrecife e convidaram a população a assumir a responsabilidade por sua sobrevivência e sua saúde³³. Depois, no dia da festa de São Francisco de Assis, aos 4 de outubro de 2004, onze bispos da bacia do Murray-Darling aprovaram uma declaração da *Catholic Earthcare Australia* [Cuidado Católico da Terra da Austrália] que apóia uma política sobre a salinidade e sobre a crescente corrente dos rios e convida a comprometer-se pela proteção e reciclagem das águas³⁴. O que é importante nestes exemplos (e de outros no mundo) é que: (i) a resposta é local, com a participação dos líderes da Igreja local que tomam posição sobre os assuntos ecológicos que surgem em sua bio-região, e (ii) ao escolher temas políticos, como por exemplo a crescente corrente médio-ambiental dos rios, os bispos estão defendendo não somente o bem dos seres humanos, mas também estão estendendo claramente seu compromisso moral e sua defesa até incluir os animais, as plantas e peixes da Bacia Murray-Darling e do Grande Arrecife de Coral.

A escuta do Espírito pode levar os fiéis cristãos a comprometerem-se na ação política através de grupos ativistas ou grupos de pressão. Em minha opinião, isso levará, sem dúvida, a questionar o dominante modelo político e econômico baseado nas forças do mercado e do consumo constante. Isso suporá aceitar que os recursos da Terra são limitados, que os modelos de consumo não podem ser mantidos pela comunidade humana mais ampla ou pelas gerações futuras, e que eles levam morte e destruição às outras espécies de nossa comunidade planetária de vida. Isso significará haver opções pessoais e políticas que apontem no sentido de favorecer as fontes de energia renovável, as formas de transporte alternativas, a conservação e reciclagem da água, a ação de desenhar edifícios energeticamente eficientes, proteger os habitats, limitar a expansão urbana e procurar levar vida e beleza às nossas cidades. Em muitos casos, isso significará viver de forma mais consciente e mais plena dentro de uma zona local, numa determinada bio-região e numa comunidade humana local com seus negócios e sua vida locais.

³³ *Let the Many Coastlands Be Glad: A Pastoral letter on the Great Barrier Reef by the Catholic Bishops of Queensland* [Deixem as várias terras costeiras estarem satisfeitas: Uma carta pastoral sobre o grande recife costeiro pelos bispos católicos de Queensland]. Sydney: Catholic Earthcare Australia, 2004.

³⁴ *The Gift of Water: A Statement from Catholic Earthcare Australia endorsed by Bishops of the Murray-Darling Basin* [O dom da água: uma declaração do Cuidado Católico da Terra da Austrália firmado por bispos da Bacia Murray-Darling]. Sydney: Catholic Earthcare Australia, 2004.

2.4 Um Misticismo da Ação Ecológica

Ser convertidos a um sentido de empatia e de responsabilidade com as criaturas da Terra e com o território, a atmosfera, os mares e os rios que as sustentam, pode ser uma experiência ditosa e de libertação. Estar implicados na luta por um mundo mais justo e ecologicamente viável pode transmitir sentido de gratidão e de importância, uma experiência de comunhão com outros seres humanos e com o mundo natural. Pode inclusive supor uma experiência que implique êxito, um habitat a salvo, a conservação de um parque, um protocolo internacional sobre os níveis aceitáveis de emissão de carbono, mas, de certa forma, pode supor também sofrimentos e fracassos. E isso pode levar a um sentimento de desesperança por causa do poder absoluto das forças políticas e econômicas comprometidas em obter o máximo de lucros em curto prazo, sem considerar as consequências ecológicas ou sociais.

A esperança cristã se baseia em Deus que se doa em Cristo e na promessa de que tudo é reunido em Cristo e será nele transfigurado. Nossos compromissos, nossas

ações e nossos êxitos e fracassos serão a matéria bruta desta transformação final. Salvar as espécies, os habitats, é importante ante Deus. Nossas lutas têm um significado final e eterno. Cada criatura tem um significado final para Deus.

Este significado, esta promessa tem muita importância entre nossos compromissos e ações. Sem embargo, se necessita muito mais para manter viva a esperança. Necessitamos estar ancorados na promessa de Deus como experiência real. Necessitamos ser místicos. Karl Rahner afirmou muitas vezes que o cristão do futuro será um místico, ou, se não sê-lo, terminará por não ser nada³⁵. É evidente que Rahner não se refere a um misticismo entendido como uma forma de experiência visionária ou de transe. Ademais, ele não está pensando basicamente numa experiência de oração silenciosa e contemplativa diante de Deus – embora tudo isso faça parte da ideia. Ele se refere ao que ele mesmo chama o “misticismo da vida cotidiana”³⁶. Ele acredita que, mediante a graça divina, uma experiência de Deus se dá na vida de todos os dias e no coração da vida, e isso independentemente do fato se nos damos conta ou não e se lhe damos um nome ou não. Isso pode passar no próprio insaciável desejo do

³⁵ Ver, p. ex., RAHNER, Karl. Christian Living Formerly and Today [O cristão vivendo outrora e hoje]. *Theological Investigations* 7. New York: Herder e Herder, p. 15, 1971.

³⁶ Cf.: EGAN, Harvey D. *Karl Rahner: Mystic of Everyday Life* [Karl Rahner: Mística da vida cotidiana], New York: Crossroad, p. 55-79, 1998.

coração, na busca de respostas que levantam cada vez mais perguntas, na experiência de um compromisso realmente radical por uma causa, na dor mais absoluta de perda e miséria, onde algo nos capacita a aguentar e seguir adiante, em pequenos atos de amor que nascem de um radical compromisso pessoal. Durante estas experiências se dá uma abertura para o mistério, para o transcendente que os cristãos chamam a experiência da graça. À luz da revelação cristã podemos ver isso como o lugar do Espírito Santo em nossa vida e podemos abrir nossos seres a quem está silenciosamente presente no centro de nossa experiência. Este é o misticismo da vida cotidiana.

O que penso que necessitamos no século XXI é o que poderíamos chamar um misticismo da ação ecológica. Os teólogos da libertação do século XX e seus homólogos europeus reconheceram que os cristãos comprometidos na causa da libertação política deveriam ser ao mesmo tempo

políticos e místicos. Somente o elemento místico pode tornar-nos capazes de seguir esperando contra todo prognóstico, de atuar com integridade e amor na esfera política e na esfera pessoal em tempos de adversidades e fracassos, para seguir adiante até a morte. Edward Schillebeeckx resume tudo isto quando afirma que a fé autêntica, ou a mística, parece na era moderna “ser cultivada, sobretudo dentro de e mediante a ação de libertação”. Nesta experiência cresce a consciência de que Deus se revela como “o mistério mais profundo, o coração e a alma de toda libertação humana autêntica”³⁷. Ele faz notar que a forma política do amor de Deus e do próximo tem a mesma necessidade de arrependimento e conversão, o mesmo ascetismo, os mesmos sofrimentos e noites escuras que se dão no misticismo contemplativo³⁸. Ele afirma: “Sem orações ou misticismo, a política em pouco tempo se torna cruel e brutal. Sem o amor político, as

³⁷ SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesús em Nuestras Culturas Occidentales: Misticismo, Ética y Política*. Londres: SCM, p. 73, 1987.

³⁸ Brennan Hill analisa como o compromisso ecológico implica uma volta à antiga tradição cristã de renúncia numa nova forma de ascetismo: “As preocupações com o meio ambiente lançam nova luz ao debate sobre o sacrifício autêntico. Não resta dúvida que viveremos mais simplesmente se quisermos compartilhar nossos recursos, reabastecê-los e compartilhá-los com os necessitados. O novo ascetismo retorna aos alimentos naturais que são nutritivos e saudáveis e deixa os alimentos tratados e os produtos de refeição rápida que prejudicam a saúde e são causa de desperdício por suas excessivas embalagens. Esta espiritualidade volta a construir, ajustar, remendar e renovar as coisas em lugar de desfazer-se delas. Esta renúncia supõe um desprendimento de aparelhos, objetos de capricho e artigos de luxo. Torna-nos conscientes sobre o exercício adequado e o cuidado apropriado da saúde”. HILL, Brennan R. *Christian Faith and the Environment [Fé cristã e o meio ambiente]*, p. 249.

orações ou o misticismo se tornam em pouco tempo sentimentais, ou então interioridade sem compromisso”³⁹.

O desafio para se encontrar o Deus vivo na solidariedade com os pobres da Terra se torna um imenso desafio para a fé cristã neste século. O tema deste livro é que o compromisso com os pobres e com os acomodados na vida deste planeta devem ir juntos como duas dimensões inter-relacionadas da mesma vocação cristã. A conversão ecológica não se opõe. Porém, é intimamente unida à conversão da parte dos pobres. E a conversão ecológica, como a conversão da parte dos empobrecidos, necessitará do político de modo igual como do místico e da descoberta do místico supostamente no político.

Então, como deveria ser o misticismo da ação ecológica? Para mim, esta deveria abranger algumas experiências desse tipo:

- ▶ A experiência de ficar envolvidos pela absoluta beleza do mundo natural, quando este leva ao maravilhar-se e a uma felicidade que parece infinita.
- ▶ A experiência de formar parte dos 14 bilhões de anos da história do universo e dos 3.800 milhões de anos da história da evolução da vida

sobre a Terra, e de saber tudo isso porque dirigidos para o dom de si mesmo de Deus no amor.

- ▶ A experiência de ser arrastados pelas forças naturais, pelas dimensões e pela idade do universo, de descobrir o mundo natural como algo distinto, de senti-lo como alheio e nisso ser levados além das zonas de conforto humano no mistério.
- ▶ A experiência de ser chamados à solidariedade com as criaturas da Terra, de ser chamados a uma conversão ecológica, de chegar a sentir as outras criaturas como familiares e de reconhecer que se trata do dom misericordioso do Espírito de Deus.
- ▶ A experiência de ser arrastados pela envergadura do problema ecológico, de ser derrotados pelas poderosas forças econômicas, de ver a destruição das selvas pluviais, a extinção de outras espécies, o aumento das emissões de carbono na atmosfera, de quase experimentar desespero e, sem embargo, seguir esperando apesar de tudo, reconhecendo que se trata de uma participação do caminho da cruz, como um convite a comprometer-nos a seguir em frente, encomen-

³⁹ *Idem*, p. 75.

dando-nos e encomendando nossa Terra condenada nas mãos de Deus.

- ▶ A experiência de conversão do modelo do individualismo e do consumo ao modelo da simplicidade que é o que Sallie McFague chama “vida abundante” e nela reconhecer a verdade de Deus: o que importa são as necessidades básicas de comida, roupa, amparo, tratamentos clínicos, oportunidades educativas, relações de amor, trabalhos significativos, uma vida espiritual e ima-

ginativa enriquecedora, tempo com os amigos e tempo passado no mundo natural que nos circunda⁴⁰.

- ▶ A experiência do compromisso em favor das criaturas de nossa comunidade terrestre, que nos leva além de nossas tendências pessoais de considerar-nos corretos e de buscar a auto-satisfação, o que traz o traço de um compromisso para toda a vida; de fato um compromisso eterno, que podemos considerar como pura graça.

⁴⁰ McFAGUE, Sallie. *Life Abundant: Rethinking Theology and Economy for a Planet in Peril* [Vida abundante: repensando a teologia e a economia para um planeta em perigo]. Minneapolis: Fortress, p. 209-210, 2000.



Denis Edwards, teólogo e sacerdote, é professor de teologia sistemática na Faculdade de Teologia da Universidade Flinders e no Centro Ecumênico de Adelaide. Pertence à Arquidiocese Católica de Adelaide. Atualmente é o presidente da Comissão Ecumênica da Arquidiocese de Adelaide, é membro da Comissão Anglicana—Católica Romana da Austrália e é copresidente do Conselho de Diálogo *Lutheran National* – Diálogo católico romano. Ele é também membro do Conselho Consultivo do Cuidado Católico da Terra da Austrália.

Publicações mais recentes

Breath of Life: A Theology of the Creator Spirit. Mariknoll: Orbis Books, 2004.

Jesus the Wisdom of God: An Ecological Theology. Mariknoll: Orbis Books, 2005.

Ecology at the Heart of Faith. Mariknoll: Orbis Books, 2006.

How God Acts: Creation, Redemption and Special Divine Action. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2010.